

CONHECIMENTOS E ATITUDES DOS ENFERMEIROS FACE AO ALEITAMENTO MATERNO

NURSES' KNOWLEDGE AND ATTITUDES TOWARDS BREASTFEEDING

CONOCIMIENTOS Y ACTITUDES DE LAS ENFERMERAS HACIA LA LACTANCIA MATERNA

Joana Filipa da Rocha da Cunha e Sousa¹
Teresa Isaltina Gomes Correia²
Ana Fernanda Ribeiro Azevedo³

¹Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal (joanasousa79856@gmail.com)
<https://orcid.org/0009-0009-1893-5983>

²Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança, Research Centre for Active Living and Wellbeing (LiveWell), Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal (teresaicorreia@ipb.pt)
<https://orcid.org/0000-0001-9975-7908>

³Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança, Research Centre for Active Living and Wellbeing (LiveWell), Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal (anitaaazevedo@ipb.pt)
<https://orcid.org/0000-0002-7617-0917>

Corresponding Author

Joana Filipa da Rocha da Cunha e Sousa
Avenida Brigadeiro Sarmiento, 21, Hab 23
5300-302 Bragança, Portugal
joanasousa79856@gmail.com

RECEIVED: 3rd June, 2025

ACCEPTED: 21st May, 2026

PUBLISHED: 3rd July, 2026

2026



RESUMO

Introdução: A amamentação é essencial para a saúde, desenvolvimento e sobrevivência infantil, com benefícios bem documentados (Meek & Noble, 2022). O enfermeiro é um dos principais promotores do aleitamento materno, desde que existam condições, conhecimentos e atitudes adequadas (Souza, Nespoli & Zeitoune, 2016).

Objetivo: Descrever os conhecimentos e atitudes face ao aleitamento materno dos enfermeiros da ULSNE e relacioná-los com variáveis sociodemográficas, profissionais e obstétricas.

Métodos: Estudo observacional, transversal e analítico, com 127 enfermeiros de uma unidade hospitalar do norte de Portugal. Os dados foram recolhidos entre junho e outubro de 2024, através de questionários sociodemográficos e das Escalas validadas ECEAM (Lopes, 2013) e EAAPSAM (Marinho, 2003). A análise estatística foi realizada com o SPSS (v.29.0), com nível de significância de 5%. Aprovado pela Comissão de Ética da ULSNE nº 30/2024.

Resultados: A amostra do estudo foi constituída por 127 enfermeiros, maioritariamente do sexo feminino (89,76%), com uma média de idade de 44,52 anos.

No que respeita aos conhecimentos, os resultados globais da ECEAM indicam um nível considerado “bom” (3,77±0,48). O fator com melhor desempenho foi “Propriedades da Amamentação” (4,27±0,45), ao passo que o fator “Procedimentos Técnicos” registou a pontuação mais baixa (3,22±0,54), sugerindo lacunas ao nível da operacionalização prática dos cuidados com a amamentação.

Relativamente às atitudes, a EAAPSAM revelou uma atitude positiva por parte dos enfermeiros, com um score médio total de 191,82 (±21,79). A dimensão com maior pontuação foi “Crenças acerca os benefícios da amamentação” (4,69±0,46), evidenciando a valorização do aleitamento materno. No entanto, a dimensão “Atitude face a decisão de não amamentar” (3,93±0,83) apresentou os valores médios mais baixos, o que poderá refletir uma menor predisposição para lidar com mães que optam por não amamentar. Enfermeiros com filhos, formação específica e que se sentem preparados para apoiar o aleitamento apresentaram níveis superiores de conhecimento e atitudes mais favoráveis.

Conclusão: Formação específica, experiência profissional e pessoal influenciam positivamente os conhecimentos e atitudes.

Palavras-chave: aleitamento materno; conhecimentos, atitudes e prática em saúde; enfermeiros.

ABSTRACT

Introduction: Breastfeeding is essential for child health, development, and survival, with well-documented benefits (Meek & Noble, 2022). The nurse is one of the main promoters of breastfeeding, as long as there are adequate conditions, knowledge and attitudes (Souza, Nespoli & Zeitoune, 2016).

Objective: To describe the knowledge and attitudes of ULSNE nurses towards breastfeeding and relate them to sociodemographic, professional, and obstetric variables.

Methods: This is an observational, cross-sectional, and analytical study involving 127 nurses from a hospital unit in northern Portugal. Data were collected between June and October 2024 using sociodemographic questionnaires and two validated scales: ECEAM (Lopes, 2013) and EAAPSAM (Marinho, 2003). Statistical analysis was performed using SPSS (v.29.0), with a 5% significance level. The study was approved by the Ethics Committee of ULSNE No. 30/2024.

Results: The study sample consisted of 127 nurses, mostly female (89.76%), with a mean age of 44.52 years.

Regarding knowledge, the overall results of the ECEAM indicate a level considered “good” (3.77±0.48). The factor with the best performance was “Breastfeeding Properties” (4.27±0.45), while the factor “Technical Procedures” registered the lowest score (3.22±0.54), suggesting gaps in terms of the practical operationalization of breastfeeding care.

Regarding attitudes, the EAAPSAM revealed a positive attitude on the part of the nurses, with a total mean score of 191.82 (±21.79). The dimension with the highest score was “Beliefs about the benefits of breastfeeding” (4.69±0.46), highlighting the value placed on breastfeeding. However, the dimension “Attitude towards the decision not to breastfeed” (3.93±0.83) showed the lowest mean values, which could reflect a lower predisposition to deal with mothers who choose not to breastfeed. Nurses with children, specific training, and who feel prepared to support breastfeeding showed higher levels of knowledge and more favorable attitudes.

Conclusion: Specific training, professional and personal experience positively influence knowledge and attitudes.

Keywords: breastfeeding; knowledge, attitudes and practice in health; nurses.

Cunha e Sousa, J. F. da R., Correia, T. I. G., & Azevedo, A. F. R. (2026).
Conhecimentos e atitudes dos enfermeiros face ao aleitamento materno.
Servir, 2(15), e41907. <https://doi.org/10.48492/servir0215.41907>

RESUMEN

Introducción: La lactancia materna es esencial para la salud, el desarrollo y la supervivencia infantil, con beneficios ampliamente documentados (Meek & Noble, 2022). La enfermera es una de las principales promotoras de la lactancia, siempre que existan condiciones adecuadas, conocimientos y actitudes (Souza, Nespoli & Zeitoune, 2016).

Objetivos: Describir los conocimientos y actitudes de los enfermeros de la ULSNE hacia la lactancia materna y relacionarlos con variables sociodemográficas, profesionales y obstétricas.

Métodos: Estudio observacional, transversal y analítico que incluyó a 127 enfermeras de una unidad hospitalaria del norte de Portugal. Los datos se recopilaron entre junio y octubre de 2024 mediante cuestionarios sociodemográficos y dos escalas validadas: ECEAM (Lopes, 2013) y EAAPSAM (Marinho, 2003). El análisis estadístico se realizó con SPSS (v.29.0), utilizando un nivel de significancia del 5%. El estudio fue aprobado por el Comité de Ética de la ULSNE nº. 30/2024.

Resultados: La muestra estuvo compuesta por 127 enfermeros, en su mayoría mujeres (89,76%), con una edad media de 44,52 años.

En cuanto a los conocimientos, los resultados generales del ECEAM indican un nivel considerado “bueno” (3,77±0,48). El factor con mejor desempeño fue “Propiedades de la lactancia materna” (4,27±0,45), mientras que el factor “Procedimientos técnicos” registró la puntuación más baja (3,22±0,54), lo que sugiere lagunas en la operacionalización práctica del cuidado de la lactancia.

Respecto a las actitudes, el EAAPSAM reveló una actitud positiva por parte de las enfermeras, con una puntuación media total de 191,82 (±21,79). La dimensión con mayor puntuación fue “Creencias sobre los beneficios de la lactancia materna” (4,69±0,46), destacando la importancia atribuida a la lactancia. Sin embargo, la dimensión “Actitud ante la decisión de no amamantar” (3,93±0,83) mostró los valores medios más bajos, lo que podría reflejar una menor predisposición a atender a madres que optan por no amamantar. Las enfermeras con hijos, formación específica y que se sienten preparadas para apoyar la lactancia mostraron mayores niveles de conocimientos y actitudes más favorables.

Conclusión: La formación específica, así como la experiencia profesional y personal, influyen positivamente en los conocimientos y actitudes hacia la lactancia materna.

Palabras Clave: lactancia materna; conocimientos, actitudes y práctica en salud; enfermeras.



Introdução

A amamentação é reconhecida como um dos principais alicerces da saúde, do desenvolvimento e da sobrevivência infantil, sendo os seus benefícios amplamente documentados (Meek & Noble, 2022). Para a criança, o aleitamento materno proporciona vantagens nutricionais, imunológicas, anti-infecciosas, cognitivas e afetivas (Direção-Geral da Saúde, 2015). No que diz respeito à mãe, os benefícios incluem a redução do risco de cancro da mama, com uma proteção proporcional à duração da amamentação, menor probabilidade de desenvolver cancro do ovário e diminuição da incidência de depressão pós-parto (Estratégia Nacional para a Alimentação do Lactente e Criança Pequena, 2019).

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018) recomenda o início da amamentação na primeira hora de vida, a sua manutenção exclusiva até aos seis meses de idade do recém-nascido e a continuação, de forma complementar, até pelo menos aos 24 meses.

Em Portugal, a promoção da amamentação exclusiva até aos seis meses é uma prioridade nas políticas de saúde materno-infantil (DGS, 2023). Neste contexto, os enfermeiros assumem um papel fundamental, enquanto profissionais de proximidade, no aconselhamento, apoio e acompanhamento das mães lactantes. No entanto, a eficácia deste apoio está diretamente relacionada com o nível de conhecimento técnico e com as atitudes dos profissionais perante a amamentação (Rollins et al., 2016).

Assim, o presente estudo tem como objetivo principal descrever os conhecimentos e as atitudes dos enfermeiros da ULSNE face ao aleitamento materno e relacioná-los com variáveis sociodemográficas, profissionais e obstétricas.

Para operacionalizar este objetivo e permitir uma análise mais aprofundada do fenómeno em estudo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Relacionar os conhecimentos e atitudes dos enfermeiros face ao aleitamento materno com as variáveis sociodemográficas;
- Relacionar os conhecimentos e atitudes dos enfermeiros face ao aleitamento materno com o seu local de trabalho;
- Relacionar os conhecimentos e atitudes dos enfermeiros face ao aleitamento materno com a formação recebida nos últimos dois anos sobre o tema;
- Relacionar os conhecimentos e atitudes dos enfermeiros face ao aleitamento materno com a experiência profissional com grávidas e/ou puérperas;
- Relacionar os conhecimentos e atitudes dos enfermeiros face ao aleitamento materno com experiência prévia pessoal com amamentação.

1. Enquadramento Teórico/ Revisão da Literatura/ Estado da Arte / Modelo Conceptual

Historicamente, a amamentação constituiu a principal forma de alimentação dos recém-nascidos, com o desmame a ocorrer de forma gradual. Durante a Idade Média e o Renascimento, surgiu o recurso a amas de leite, refletindo não só a valorização do leite materno, mas também as dinâmicas sociais da época (Salmon, 2024).

Com a industrialização, nos séculos XIX e XX, e a introdução de fórmulas artificiais, assistiu-se a uma transformação nas práticas alimentares infantis, sendo a fórmula promovida como uma alternativa moderna, o que contribuiu para a redução das taxas de amamentação (Mills, 2024). Contudo, os avanços científicos vieram evidenciar os benefícios do leite materno, levando à formulação de políticas públicas de incentivo à amamentação.

Amamentação: Perspetiva Global e Nacional

Atualmente, a amamentação é reconhecida como o padrão biológico e nutricional ideal. Apesar das campanhas de promoção, persistem desafios na sua implementação, sobretudo em países como Portugal (Calle et al., 2024). Em 2018, a taxa global de amamentação exclusiva aos seis meses era de 41%, abaixo da meta de 50% prevista para 2025 (WHO & UNICEF, 2018).

Cunha e Sousa, J. F. da R., Correia, T. I. G., & Azevedo, A. F. R. (2026).
Conhecimentos e atitudes dos enfermeiros face ao aleitamento materno.
Servir, 2(15), e41907. <https://doi.org/10.48492/servir0215.41907>

Em Portugal, os dados apontam para uma taxa de amamentação exclusiva de 21,8% aos seis meses (DGS, 2019). Para reverter esta tendência, foi criada, em 2023, a Comissão para a Promoção do Aleitamento Materno com o objetivo de alinhar práticas nacionais às metas globais, através da definição de estratégias sustentáveis em saúde materno-infantil.

Transição para a Maternidade e Aleitamento

A transição para a maternidade é uma fase complexa que envolve transformações físicas, emocionais e psicológicas. De acordo com a teoria “Becoming a Mother”, de Mercer, a mulher precisa construir o seu papel materno de forma consciente desde a gravidez, influenciando positivamente a relação com o bebé (Cortés et al., 2015), sendo este processo influenciado pelo apoio e pela orientação dos profissionais de saúde.

A literatura salienta a importância de apoiar esta transição, especialmente no que se refere à decisão de amamentar, com impacto direto no bem-estar emocional e na prevenção da depressão pós-parto (Dessi et al., 2024). Programas de educação pré-natal que promovem a saúde mental e o vínculo mãe-bebé mostram-se eficazes na promoção do aleitamento materno (Sansone et al., 2024).

Apoio Institucional ao Aleitamento Materno

A Iniciativa Amiga dos Bebés, promovida pela OMS e UNICEF desde 1991, constitui uma das mais relevantes estratégias institucionais de apoio ao aleitamento. Esta iniciativa defende práticas como o contacto pele a pele imediato, o alojamento conjunto e a não utilização de biberões e chupetas, com o objetivo de proteger, promover e apoiar o aleitamento materno (OMS, 2023). A implementação destas práticas contribui para uma experiência positiva de amamentação, sobretudo quando acompanhada por profissionais de saúde capacitados (Rollins et al., 2016).

Conhecimento Materno e Barreiras

Diversos estudos referem défices de conhecimento sobre aleitamento entre grávidas, frequentemente associados à ausência de informação durante o pré-natal, o que pode conduzir ao desmame precoce (Paixão et al., 2020). A preparação pré e pós-parto, aliada ao suporte familiar e profissional, é fundamental para a superação de medos e dificuldades iniciais (Nelas et al., 2017). Fatores como o início precoce da amamentação, contacto pele a pele, alojamento conjunto, apoio adequado na alta hospitalar e continuidade de cuidados são considerados determinantes para o sucesso do aleitamento (Colaceci et al., 2020). Entre os obstáculos identificados encontram-se a ausência de acompanhamento após a alta (Bicalho et al., 2021).

Formação dos Enfermeiros em Aleitamento Materno

Apesar da evidência dos benefícios da amamentação, muitos profissionais de saúde carecem de formação específica para oferecer suporte eficaz às mães (Holtzman & Usherwood, 2018). Estudos indicam que a abordagem do tema nos cursos de enfermagem é, muitas vezes, insuficiente, limitando a atuação dos enfermeiros (Yang et al., 2018). Além do conhecimento técnico, são essenciais competências comunicacionais e atitudes empáticas para um acompanhamento eficaz e personalizado (Tichelman et al., 2019). A uniformização da informação prestada, preferencialmente por via oral e escrita, é também recomendada (Oliveira et al., 2020).

2. Métodos

Tendo presente o objetivo geral deste estudo o nível de análise do mesmo, caracteriza-se como sendo observacional, transversal e analítico. Pretende-se descrever e analisar as variáveis em estudo.

2.1 Amostra

Para a realização deste estudo foi considerada uma população composta por 737 enfermeiros segundo o Bilhete de Identidade dos Cuidados de Saúde Primários (2023) e dados obtidos através dos recursos humanos da ULSNE. A amostra representativa da população com um grau de confiança de 95% e margem de erro de 5% teria de ter a dimensão de 253 enfermeiros, calculada através da <http://www.raosoft.com/samplesize.html>.



A amostra inicial era constituída por 253 profissionais elegíveis para o estudo. Após diversas tentativas de angariação de enfermeiros participantes, obteve-se para amostra final de 127 enfermeiros, o que corresponde a uma taxa de resposta de aproximadamente 50,2%. Embora represente uma redução da amostra, esta taxa encontra-se dentro dos valores considerados aceitáveis em estudos de natureza semelhante, mantendo a validade e a representatividade dos dados analisados. Esta é uma amostra não probabilística por conveniência.

2.1.1 Requisitos/ Critérios de Inclusão

Definiram-se como critérios de inclusão para integrar a amostra: ser enfermeiro, a exercer funções na USLNE à data de recolha de dados.

Excluíram-se os enfermeiros que não se encontravam em função à data de recolha dos dados, e os que se recusaram a participar no estudo.

2.2 Instrumentos de recolha de dados

Para a recolha de dados, foi desenvolvido um instrumento composto por duas partes: um questionário elaborado pela investigadora, destinado à obtenção de informações sociodemográficas, profissionais e obstétricas; e um segundo instrumento que inclui duas Escalas validadas para a população portuguesa — a Escala de Conhecimentos dos Enfermeiros sobre Aleitamento Materno (ECEAM) (Lopes, 2013) e a Escala de Avaliação das Atitudes dos Profissionais de Saúde face ao Aleitamento Materno (EAAPSAM) (Marinho, 2003).O instrumento de recolha de dados é constituído por cinco partes ficando assim organizado:

- Caracterização sociodemográfica;
- Caracterização profissional;
- Caracterização de obstétrica;
- Escala de Conhecimentos de Enfermeiros sobre Aleitamento Materno (Lopes, 2013);
- Escala de Avaliação das Atitudes dos Profissionais de Saúde Face ao Aleitamento Materno (EAAPSAM) (Marinho, 2003).

A Escala de Conhecimentos de Enfermeiros sobre Aleitamento Materno (Lopes, 2013) é constituída por 56 afirmações divididas nos fatores “Cuidados e condições maternas”, “Propriedades da amamentação” e “Procedimentos técnicos” em que o conhecimento é definido em 5 níveis. Em cada grupo de Fatores é considerada a média obtida nos respetivos itens.

Assim sendo, o resultado em cada Fator poderá variar entre o mínimo de um (1) e máximo de cinco (5), sendo que os níveis de conhecimento correspondem a um (1) a muito mau, dois (2) a mau, (três) 3 a razoável, quatro (4) a bom e cinco (5) a muito bom.

De acordo com o autor da escala, o score global deve ser calculado da mesma forma.

A Escala de Avaliação das Atitudes dos Profissionais de Saúde Face ao Aleitamento Materno (EAAPSAM) (Marinho, 2003) é constituído por 43 afirmações, distribuídas por 3 dimensões nomeadamente “Respostas cognitivas”, Respostas Afetivas” e “Respostas comportamentais”, que devem ser respondidas segundo a escala de Likert de 5 pontos (Discordo totalmente; Discordo; Não concordo nem discordo; Concordo; Concordo totalmente).

Assim sendo, o resultado em cada Dimensão poderá variar entre o mínimo de um (1) e máximo de cinco (5), em que o valor 5 em resultados mais elevados e consequentemente em atitudes mais favoráveis dos profissionais de saúde face ao aleitamento materno.

De acordo com o autor da escala, o score global deve ser calculado pela soma das pontuações de cada um dos itens podendo o resultado variar entre os valores de 43 e 215.

Cunha e Sousa, J. F. da R., Correia, T. I. G., & Azevedo, A. F. R. (2026). Conhecimentos e atitudes dos enfermeiros face ao aleitamento materno. *Servir*, 2(15), e41907. <https://doi.org/10.48492/servir0215.41907>

Uma vez que Marinho (2003) não define grupo de corte, será utilizada a classificação definida por Queirós (2012), como atitudes positivos para scores globais iguais ou superiores a 186, atitudes moderadas para scores globais de 178 a 185 e atitudes negativas para scores globais iguais ou inferiores a 177.

2.3 Procedimentos

A recolha de dados foi autorizada pelo Conselho de Administração da ULSNE com aprovação da Comissão de Ética nr.º30/2024 da nesma instituição. Estabeleceu-se contacto com os enfermeiros elegíveis e solicitou-se a colaboração dos enfermeiros gestores, o que facilitou a divulgação do estudo. A recolha foi realizada através da distribuição de um código QR, que direcionava os participantes para o instrumento de recolha de dados online, garantindo o anonimato e proporcionando maior comodidade

Esta estratégia permitiu superar barreiras logísticas, otimizar recursos e aumentar a taxa de resposta. A participação no estudo implicou a aceitação do consentimento informado na plataforma Google Forms. Durante a realização do estudo, foram assegurados os direitos dos participantes e respeitados os princípios éticos fundamentais, conforme estabelecido na Declaração de Helsínquia e na Convenção de Oviedo, e em conformidade com a legislação de proteção de dados vigente, nomeadamente no Regulamento Geral de Proteção de Dados (2016/679/UE) na União Europeia, garantindo anonimato, confidencialidade e consentimento informado dos participantes.

A recolha de dados decorreu entre os meses de junho e outubro de 2024.

Os dados foram analisados no IBM SPSS, versão 29.0, após recolha via Google Forms, utilizando estatística descritiva e inferencial. Variáveis nominais foram apresentadas por frequências, enquanto variáveis quantitativas foram descritas por média, desvio padrão, mínimo, máximo e mediana. O coeficiente de variação foi utilizado para avaliar a dispersão dos dados. A fiabilidade interna das escalas ECEAM e EAAPSAM foi avaliada pelo alfa de Cronbach. Como o pressuposto de normalidade não foi atendido, adotaram-se testes não paramétricos: Mann-Whitney para comparações entre dois grupos e Kruskal-Wallis para três ou mais grupos, com nível de significância de 5%.

3. Resultados

Com o objetivo de aprofundar a contextualização dos dados obtidos na presente amostra, procedeu-se à apresentação dos principais resultados do estudo “Conhecimentos e atitudes dos enfermeiros face ao aleitamento materno”, a qual fornece um enquadramento relevante para a análise e interpretação dos dados.

Apresenta-se a análise descritiva e analítica dos dados obtidos através dos instrumentos de recolha de dados.

Na Tabela 1 identificam-se as caraterísticas sociodemográficas e profissionais da amostra.

Tabela 1 – Caraterísticas sociodemográficas e profissionais da amostra

Variáveis sociodemográficas	Opções de resposta	n	%
Idade (anos)	< 40	37	29,13
	40-49	56	44,10
	≥ 50	34	26,77
	Total	127	100
	Mínimo=26; Máximo=63; Média=44,52; Desvio padrão=8,39		
Género	Masculino	13	10,24
	Feminino	114	89,76
	Outro	0	0
	Total	127	100



Variáveis sociodemográficas	Opções de resposta	n	%
Estado civil	Solteiro	23	18,11
	Casado/União de facto	93	73,23
	Divorciado/ Separado	9	7,09
	Viúvo	2	1,57
	Total	127	100
Habilitações literárias	Licenciatura	44	34,65
	Pós-graduação/ Especialidade/ Mestrado	81	63,78
	Doutoramento	2	1,57
	Total	127	100

Participaram no estudo 127 enfermeiros, sendo a maioria do género feminino 89,76% (n=114). A idade média dos participantes foi de 44,52 ±8,39 anos, variando entre 26 e 63 anos. Dentre eles, cerca de 30% (n=37) tinham menos de 40 anos e aproximadamente um quarto, 26,80% (n=34) tinham 50 anos ou mais.

Quanto ao estado civil observa-se que 73,23% (n=93) se encontrava casado(a) ou em união de facto. Relativamente às habilitações literárias a maioria, 63,78% (n=81) possuía pós-graduação / especialidade/ mestrado e dois enfermeiros eram doutorados.

Na Tabela 2 apresenta-se a caraterização das variáveis profissionais da amostra.

Tabela 2 – Caraterísticas profissionais da amostra e relativas à formação específica em aleitamento materno

Variáveis profissionais	Opções de resposta	n	%
Categoria profissional	Enfermeiro	67	52,76
	Enfermeiro especialista	56	44,09
	Enfermeiro gestor	4	3,15
	Total	127	100
Local de trabalho	Cuidados Hospitalares	76	59,84
	Cuidados de Saúde Primários	51	40,16
	Total	127	100
Tempo de serviço (anos)	< 15 anos	30	23,62
	De 15 a 24 anos	53	41,73
	≥ 25 anos	44	34,65
	Total	127	100
	Mínimo=4; Máximo=41; Média=20,74; Desvio padrão=8,88		
Tempo de serviço na prestação de cuidados a grávidas	Sem experiência	65	51,18
	< 15 anos	35	27,56
	≥ 15 anos	27	21,26
	Total	127	100
	Mínimo=1; Máximo=34; Média=14,77; Desvio padrão=8,81		
Tem formação em aleitamento materno	Sim	36	28,35
	Não	91	71,65
	Total	127	100
Nos últimos dois anos quantas ações de formação sobre aleitamento materno frequentou	Nenhuma	103	81,10
	Uma	13	10,24
	Duas	6	4,72
	Três ou mais	5	3,94
	Total	127	100

Cunha e Sousa, J. F. da R., Correia, T. I. G., & Azevedo, A. F. R. (2026). Conhecimentos e atitudes dos enfermeiros face ao aleitamento materno. *Servir*, 2(15), e41907. <https://doi.org/10.48492/servir0215.41907>

Variáveis profissionais	Opções de resposta	n	%
É Conselheiro(a) em Aleitamento Materno ou IBCLC	Sim	18	14,17
	Não	109	85,83
	Total	127	100
Na sua opinião tem formação que lhe permita apoiar as mulheres e famílias no processo de amamentação	Sim	53	41,73
	Não	74	58,27
	Total	127	100

Atendendo à Tabela 2 verifica-se que a maioria dos profissionais que participaram no estudo, 52,76% (n=67) pertencia à categoria enfermeiro e 3,15% (n=4) eram enfermeiros gestores.

Quanto ao local de trabalho, mais de metade, 59,8% (n=76) prestavam cuidados em Unidades de Saúde Hospitalares. No que trata ao tempo de serviço na prestação de cuidados obteve-se a média de 20,74 anos com Desvio padrão de 8,88 anos. A distribuição do tempo de serviço corresponde a 23,62% (n=30) dos profissionais com tempo inferior a 15 anos, 41,73% (n=53) com experiência entre 15 a 24 anos e 34,65% (n=44) com pelo menos 25 anos de experiência.

Foi possível verificar que 48,82% dos participantes (n=62) prestavam cuidados a grávidas, apresentando uma média de 14,77 anos de experiência na prestação de cuidados às mesmas. Verificou-se que a maioria, 71,65% (n=91) dos inquiridos não tinha formação em aleitamento materno e que 81,10% (n=103) não frequentou qualquer formação sobre aleitamento nos últimos dois anos. Teve-se ainda que apenas 14,17% (n=18) era Conselheiro(a) de Aleitamento Materno e/ou IBCLC e que 58,27% (n=74) afirmou que na sua opinião não tinha formação que lhe permitisse apoiar as mulheres e famílias no processo de amamentação.

Variáveis Obstétricas

Foi possível verificar que 78,74% (n= 100) dos participantes tinha filhos biológicos, sendo que destes, 59% (n=59) tinham dois filhos, 35% (n=35) tinham um filho e 6% (n=6) tinha três ou mais filhos.

Relativamente à amamentação dos filhos foi possível observar que esta ocorreu em 97 % (n=97) dos casos.

Com base nas respostas dos inquiridos, verificou-se que o tempo médio de amamentação para o primeiro filho, em meses, foi de 13,08 ±13,42. Para o segundo filho, a média foi de 15,02 ±10,86), enquanto para o terceiro filho aumentou para 27,33 ±7,66.

O desmame por vontade própria foi o fator mais frequentemente apontado, representando 37,11% (n=36) das respostas. Em seguida, surgem as razões físicas da mãe, mencionadas por cerca de um quarto, 25,77% (n=25) dos inquiridos, e os problemas relacionados com o bebé, que justificaram o desmame em 12,37% (n=12) dos casos.

Caraterização dos fatores das escalas: Escala de Conhecimentos dos Enfermeiros sobre Aleitamento Materno (ECEAM) e Escala de Avaliação de Atitudes dos Profissionais de Saúde Face ao Aleitamento Materno (EAAPSAM)

Na Tabela 3 apresenta-se a caraterização da Escala de Conhecimentos dos Enfermeiros sobre Aleitamento Materno. Como supracitado, os Fatores e score global são construídas considerado a média obtida nos itens que compõe cada Fator para cada indivíduo. Assim sendo, o resultado em cada Fator poderá variar entre o mínimo de um (1) e máximo de cinco (5), traduzindo-se resultados mais elevados em melhores conhecimentos sobre amamentação.



Tabela 3 – Caraterização dos fatores da ECEAM

Fatores	Alfa de Cronbach	Min-Max	X̄± s	CV %
Cuidados e condições maternas	0,885	1,71-4,95	3,56±0,69	19,28
Propriedade da amamentação	0,833	2,85-4,85	4,27±0,45	10,52
Procedimentos técnicos	0,766	2,20-4,53	3,22±0,54	16,78
Score global	0,917	2,50-4,73	3,77±0,48	12,67

X̄ – Média; s – Desvio padrão; Min-Max – Mínimo- Máximo; CV – Coeficiente de variação;

De acordo com os dados apresentados na Tabela 3, a análise da consistência interna da escala, avaliada através do coeficiente alfa de Cronbach, revelou valores que variam entre aceitável ($\alpha = 0,766$) e excelente ($\alpha = 0,917$), indicando uma adequada fiabilidade interna dos instrumentos utilizados (Maroco, 2007).

No que se refere ao desempenho global na escala, foi obtida uma média de 3,77±0,48, valor que indica um nível de conhecimentos globalmente bom por parte dos enfermeiros inquiridos, embora aquém do considerado muito bom, segundo a designação do autor.

O Fator “Propriedades da amamentação” obteve o resultado médio de 4,27±0,45, sendo o mais elevado, evidenciando um bom domínio dos conteúdos relacionados com os benefícios e fundamentos do aleitamento materno. Por outro lado, o Fator “Procedimentos técnicos” apresentou a média mais baixa 3,22±0,54 sugerindo a existência de lacunas no conhecimento técnico dos profissionais relativamente à prática da amamentação.

Quanto à variação das respostas por parte dos enfermeiros inquiridos observa-se que esta é baixa no score global e “Propriedades da Amamentação” e moderada nos fatores “Cuidados e Condições Maternas” e “Procedimentos Técnicos”.

A Tabela 4 apresenta a caraterização da Escala de Avaliação de Atitudes dos Profissionais de Saúde face ao Aleitamento Materno.

Tabela 4 – Caraterização das dimensões da EAAPSAM

Categoria	Dimensão	Alfa de Cronbach	Min-Max	X̄± s	CV %
Respostas cognitivas	Crenças sobre aleitamento	0,782	2,29-5,00	4,34±0,62	14,21
	Crenças acerca dos benefícios da amamentação	0,801	3,00-5,00	4,69±0,46	9,72
	Crenças sobre os obstáculos da amamentação	0,869	1,78-5,00	4,26±0,68	16,01
	Score global	0,921	2,33-5,00	4,39±0,55	12,61
Respostas afetivas	Importância em relação à amamentação	0,779	2,20-5,00	4,07±0,79	19,39
	Atitudes face à decisão de não amamentar	0,808	1,40-5,00	3,93±0,83	21,01
	Score global	0,798	2,00-5,00	4,00±0,65	16,33
Respostas comportamentais	Score global	0,756	2,58-5,00	4,06±0,58	14,20
Score global da EAAPSAM		0,929	113,00-214,00	191,82±21,79	11,99

X̄ – Média; s – Desvio padrão; Min-Max – Mínimo- Máximo; CV – Coeficiente de variação.

Pela análise da Tabela 4 observa-se que em termos de consistência interna, aferida através do alfa de Cronbach, esta varia entre o aceitável ($\alpha = 0,756$) e excelente ($\alpha = 0,929$) o que indica uma boa fiabilidade interna das dimensões avaliadas (Maroco, 2007).

No que respeita às “Respostas cognitivas”, os resultados evidenciam atitudes globalmente positivas. A média obtida para as “Crenças sobre o aleitamento materno” foi 4,34±0,62, para as “Crenças relativas aos benefícios da amamentação” foi 4,69±0,46, e para as “Crenças sobre os obstáculos à amamentação” de 4,26±0,68. Observou-se uma reduzida dispersão nas respostas dos participantes nestas dimensões, o que indica homogeneidade nas perceções cognitivas dos profissionais inquiridos.

Cunha e Sousa, J. F. da R., Correia, T. I. G., & Azevedo, A. F. R. (2026). Conhecimentos e atitudes dos enfermeiros face ao aleitamento materno. *Servir*, 2(15), e41907. <https://doi.org/10.48492/servir0215.41907>

Relativamente à categoria das “Respostas afetivas”, obteve-se uma média geral de 4,00±0,65. A dimensão “Importância atribuída à amamentação” registou uma média de 4,07±0,79, ligeiramente superior à média da dimensão “Atitudes face à decisão de não amamentar”, que foi de 3,93±0,83. Nestes domínios, a variabilidade das respostas foi moderada, podendo sugerir diferentes níveis de envolvimento emocional com a temática.

No domínio comportamental, a média obtida foi de 4,06±0,58, indicando uma atitude positiva dos profissionais de saúde relacionados com a promoção do aleitamento materno.

Globalmente, a Escala apresentou uma média total de 191,82±21,7.

Foram definidos três grupos de corte para a classificação das atitudes: pontuações iguais ou superiores a 186 indicam atitudes positivas, valores entre 178 e 185 correspondem a atitudes moderadas, e pontuações iguais ou inferiores a 177 refletem atitudes negativas. À luz destes critérios, verificou-se que a maioria dos participantes (51,68%; n = 65) apresentou uma atitude positiva em relação ao aleitamento materno. Uma pequena proporção dos inquiridos (6,30%; n = 8) evidenciou uma atitude moderada, enquanto 42,52% (n = 54) demonstraram uma atitude negativa.

Na tabela 5 apresentam-se os resultados das dimensões da ECEAM e da EAAPSAM relativos ao local de trabalho.

Tabela 5 – Resultados da ECEAM e da EAAPSAM relativos ao local de trabalho

		Local trabalho	X̄ ± s	X'	U (p)
Fatores	Cuidados e condições maternas	CH	3,51±0,60	3,45	-1,786
		CSP	3,62±0,79	3,71	(0,074)
	Propriedade da amamentação	CH	4,28±0,40	4,30	-0,231
		CSP	4,25±0,52	4,45	(0,817)
	Procedimentos técnicos	CH	3,22±0,52	3,13	-0,084
		CSP	3,23±0,58	3,07	(0,933)
Score global ECEAM		CH	3,75±0,40	3,67	-1,331
		CSP	3,80±0,58	3,86	(0,193)
Dimensões	Crenças sobre aleitamento	CH	4,25±0,58	4,29	-2,764
		CSP	4,48±0,65	4,71	(0,006)
	Crenças acerca dos benefícios da amamentação	CH	4,66±0,48	5,00	-0,840
		CSP	4,74±0,41	5,00	(0,401)
	Crenças sobre os obstáculos da amamentação	CH	4,21±0,63	4,33	-1,744
		CSP	4,32±0,75	4,56	(0,081)
	Respostas cognitivas	CH	4,33±0,52	4,43	-2,381
		CSP	4,48±0,60	4,62	(0,017)
	Importância em relação à amamentação	CH	3,87±0,78	3,80	-3,587
		CSP	4,36±0,70	4,40	(0,000)
	Atitudes face à decisão de não amamentar	CH	3,82±0,89	4,00	-1,473
		CSP	4,09±0,70	4,00	(0,141)
	Respostas afetivas	CH	3,84±0,64	3,80	-3,346
		CSP	4,23±0,61	4,30	(0,001)
	Respostas comportamentais	CH	3,89±0,54	3,88	-4,318
		CSP	4,32±0,53	4,50	(0,000)
Score global EAAPSAM		CH	176,95±20,24	180,00	-3,798
		CSP	189,08±22,19	198,00	(0,000)

X̄ – Média; s – Desvio padrão; X̄ – Mediana; U(p) – Estatística teste Mann-Whitney (nível de significância)

*CH – Cuidados Hospitalares; CSP – Cuidados de Saúde Primários



Escrutinando os dados apresentados na tabela anterior, verifica-se que, de um modo geral, os resultados obtidos são, em termos médios e medianos, semelhantes entre os enfermeiros que exercem funções em contextos hospitalares e aqueles que trabalham nos CSP. Contudo, observaram-se diferenças estatisticamente significativas nas Categorias “Respostas cognitivas” (4,33±0,58 vs. 4,48±0,60; p=0,017), “Respostas afetivas” (3,84±0,64 vs. 4,23±0,61; p=0,001) e “Respostas comportamentais” (3,89±0,54 vs. 4,32±0,53; p<0,001); nas Dimensão “Crenças sobre aleitamento” (4,25±0,58 vs. 4,48±0,65; p=0,006), “Importância em relação à amamentação” (3,87±0,78 vs. 4,36±0,70; p<0,001), bem como no score global EAAPSAM (176,95±20,24 vs. 189,08±22,19; p<0,001). Estes resultados evidenciam diferenças significativas em função do local de exercício profissional, sendo as médias mais elevadas nos enfermeiros que atuam nos Cuidados de Saúde Primários, quando comparados com os que trabalham em Unidades Hospitalares.

Na Tabela 6 apresentam-se os resultados dos fatores da ECEAM e das dimensões da EAAPSAM relativos à realização de ações de formação na área nos últimos anos.

Tabela 6 – Resultados da ECEAM e da EAAPSAM relativos à frequência em ações de formação nos últimos dois anos

		Ações de formação	X± s	X'	U (p)
Fatores	Cuidados e condições maternas	Não	3,42±0,65	3,43	-4,846
		Sim	4,16±0,49	4,36	(0,000)
	Propriedade da amamentação	Não	4,21±0,46	4,30	-3,086
		Sim	4,51±0,28	4,60	(0,002)
	Procedimentos técnicos	Não	3,11±0,47	3,00	-4,545
		Sim	3,71±0,57	3,80	(0,000)
Score global ECEAM		Não	3,67±0,44	3,66	-5,051
		Sim	4,23±0,38	4,31	(0,000)
Dimensões	Crenças sobre aleitamento	Não	4,27±0,63	4,43	-2,963
		Sim	4,65±0,47	5,00	(0,003)
	Crenças acerca dos benefícios da amamentação	Não	4,64±0,48	4,80	-3,097
		Sim	4,92±0,26	5,00	(0,002)
	Crenças sobre os obstáculos da amamentação	Não	4,20±0,72	4,33	-1,653
		Sim	4,49±0,40	4,56	(0,098)
	Respostas cognitivas	Não	4,33±0,58	4,48	-2,553
		Sim	4,64±0,31	4,76	(0,011)
	Importância em relação à amamentação	Não	3,92±0,77	4,00	-4,483
		Sim	4,68±0,51	5,00	(0,000)
	Atitudes face à decisão de não amamentar	Não	3,83±0,82	3,80	-4,483
		Sim	4,34±0,75	4,60	(0,001)
	Respostas afetivas	Não	3,88±0,62	4,00	-4,529
		Sim	4,51±0,55	4,65	(0,000)
	Respostas comportamentais	Não	3,95±0,56	3,92	-4,529
		Sim	4,52±0,42	4,58	(0,000)
Score global EAAPSAM		Não	178,15±21,46	182,00	-4,355
		Sim	197,58±15,46	201,00	(0,000)

X̄ – Média; s – Desvio padrão; X' – Mediana; U(p) – Estatística teste Mann-Whitney (nível de significância)

É possível constatar através da análise da Tabela 6 que, entre os enfermeiros inquiridos, aqueles que frequentaram ações de formação em aleitamento materno nos últimos dois anos obtiveram, em termos médios e medianos, resultados mais elevados nos diferentes Fatores, Categorias, Dimensões e Scores avaliadas. Através da aplicação do teste não paramétrico de Mann-Whitney, verificou-se que essas diferenças são estatisticamente significativas em todos eles com exceção da dimensão “Crenças sobre os obstáculos da amamentação” (4,20±0,72 vs. 4,49±0,40; p=0,098) , nomeadamente Fatores “Cuidados e condições maternas” (p<0,001), “Propriedades da amamentação” (p=0,002) e “Procedimentos técnicos” (p<0,001); nas Categorias “Respostas cognitivas” (p=0,011), “Respostas afetivas” (p<0,001) e

“Respostas comportamentais” (p<0,001); nas Dimensões “Crenças sobre o aleitamento materno” (p<0,001), “Crenças sobre os benefícios da amamentação” (p<0,002), “Importância em relação à amamentação” (p<0,001) e “ Atitudes face à decisão de não amamentar” (p=0,001) e nos Scores globais da ECEAM (p<0,001) e da EAAPSAM (p<0,001).

Na Tabela 7 apresentam-se os resultados dos fatores da ECEAM e da das dimensões da EAAPSAM relativos ao tempo de serviço com grávida

Tabela 7 – Resultados da ECEAM e da EAAPSAM relativos ao tempo de serviço com grávidas e /ou puérperas

	Tempo de serviço a grávidas (anos)	X± s	X'	H (p)
Cuidados e condições maternas	S/ experiência	3,46±0,56	3,38	7,153b
	< 15	3,61±0,77	3,67	(0,023)
	≥15	3,73±0,82	3,81	
Propriedade da amamentação	S/ experiência	4,27±0,38	4,30	0,895
	< 15	4,23±0,54	4,40	(0,639)
	≥15	4,32±0,48	4,50	
Procedimentos técnicos	S/ experiência	3,17±0,50	3,07	2,049
	< 15	3,21±0,60	3,00	(0,359)
	≥15	3,36±0,56	3,20	
Score global ECEAM	S/ experiência	3,72±0,37	3,64	5,787
	< 15	3,77±0,55	3,86	(0,055)
	≥15	3,90±0,60	3,93	
Crenças sobre aleitamento	S/ experiência	4,25±0,57	4,29	8,789b
	< 15	4,35±0,68	4,57	(0,012)
	≥15	4,58±0,60	4,86	
Crenças acerca dos benefícios da amamentação	S/ experiência	4,67±0,43	5,00	1,136
	< 15	4,66±0,57	5,00	(0,567)
	≥15	4,79±0,35	5,00	
Crenças sobre os obstáculos da amamentação	S/ experiência	4,20±0,60	4,22	5,650
	< 15	4,23±0,81	4,56	(0,059)
	≥15	4,44±0,67	4,56	
Respostas cognitivas	S/ experiência	4,33±0,49	4,43	8,081b
	< 15	4,37±0,66	4,52	(0,018)
	≥15	4,57±0,53	4,71	
Importância em relação à amamentação	S/ experiência	3,78±0,76	3,80	21,680ª
	< 15	4,24±0,80	4,40	(0,000)
	≥15	4,53±0,55	4,60	
Atitudes face à decisão de não amamentar	S/ experiência	3,80±0,88	3,80	4,344
	< 15	3,95±0,84	4,00	(0,114)
	≥15	4,21±0,58	4,20	
Respostas afetivas	S/ experiência	3,79±0,66	3,80	16,559ª
	< 15	4,09±0,64	4,10	(0,000)
	≥15	4,37±0,44	4,40	
Respostas comportamentais	S/ experiência	3,81±0,50	3,83	31,048ª
	< 15	4,21±0,59	4,33	(0,000)
	≥15	4,47±0,43	4,58	
Score global EAAPSAM	S/ experiência	175,35±19,35	174,00	21,507ª
	< 15	184,20±23,94	192,00	(0,000)
	≥15	194,30±18,89	199,00	

X̄ – Média; s – Desvio padrão; X' – Mediana; H(p) – Estatística teste Kruskal-Wallis (nível de significância); a – diferenças significativas entre o grupo sem experiência e os outros grupos; b – diferenças significativas entre o grupo sem experiência e o grupo com pelo menos 15 anos de experiência;



Com base nos dados apresentados na Tabela 7, observa-se que, de forma geral, os resultados médios e medianos foram mais elevados no grupo de enfermeiros com maior tempo de experiência no cuidado de mulheres grávidas e/ou puérperas e mais baixos no grupo de enfermeiros que referiram não possuir tal experiência. A aplicação do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis revelou diferenças estatisticamente significativas entre os grupos nos seguintes domínios: Fator “Cuidados e condições maternas”: 3,46±0,56; 3,61±0,77; 3,73±0,82 (p=0,023); Categoria “Respostas cognitivas”: 4,33±0,49; 4,37±0,66; 4,57±0,53 (p=0,018); Categoria “Respostas afetivas”: 3,79±0,66; 4,09±0,64; 4,37±0,44 (p<0,001); Categoria “Respostas comportamentais”: 3,81±0,50; 4,21±0,59; 4,47±0,43 (p<0,001); Dimensão “Crenças sobre aleitamento”: 4,25±0,57; 4,35±0,68; 4,58±0,60 (p=0,012); Dimensão “Importância atribuída à amamentação”: 3,78±0,76; 4,24±0,80; 4,53±0,55 (p<0,001) e Score global EAAPSAM: 175,35±19,35; 184,20±23,94; 194,30±18,89 (p<0,001).

Estes resultados indicam que, em pelo menos um dos grupos, existiam diferenças estatisticamente significativas. As comparações múltiplas com correção de Bonferroni permitiram concluir que essas diferenças eram estatisticamente significativas entre os enfermeiros sem experiência e ambos os grupos com experiência na Dimensões “Importância atribuída à amamentação”, nas Categorias “Respostas afetivas” e “Respostas comportamentais” e no score global EAAPSAM. Adicionalmente, identificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os enfermeiros sem experiência e aqueles com pelo menos 15 anos de experiência na Dimensão “Cuidados e condições maternas”, bem como na Dimensões “Crenças sobre aleitamento” e na Categoria “Respostas cognitivas”.

Na Tabela 8 apresentam-se os resultados dos fatores da ECEAM e das dimensões da EAAPSAM relativos à existência de filhos biológicos.

Tabela 8 – Resultados da ECEAM e da EAAPSAM relativos ao facto de o inquirido ter filhos biológicos

			Filhos biológicos	X̄ ± s	X'	U (p)
Fatores	Cuidados e condições maternas	Sim		3,67±0,64	3,62	-3,511
		Não		3,14±0,71	3,19	(0,000)
	Propriedade da amamentação	Sim		4,36±0,42	4,50	-4,974
		Não		3,91±0,39	3,95	(0,000)
	Procedimentos técnicos	Sim		3,25±0,55	3,13	-1,065
		Não		3,10±0,51	3,07	(0,287)
Score global ECEAM			Sim	3,86±0,46	3,87	-4,005
			Não	3,46±0,40	3,54	(0,000)
Dimensões	Crenças sobre aleitamento	Sim		4,40±0,61	4,57	-2,267
		Não		4,14±0,61	4,14	(0,023)
	Crenças acerca dos benefícios da amamentação	Sim		4,70±0,47	5,00	-0,699
		Não		4,67±0,40	4,80	(0,485)
	Crenças sobre os obstáculos da amamentação	Sim		4,29±0,69	4,44	-1,422
		Não		4,14±0,66	4,22	(0,155)
	Respostas cognitivas	Sim		4,42±0,56	4,57	-1,817
		Não		4,27±0,54	4,38	(0,069)
	Importância em relação à amamentação	Sim		4,16±0,74	4,20	-2,495
		Não		3,71±0,87	3,60	(0,013)
	Atitudes face à decisão de não amamentar	Sim		3,95±0,79	4,00	-0,338
		Não		3,84±0,96	3,80	(0,736)
	Respostas afetivas	Sim		4,06±0,60	4,10	-1,664
		Não		3,78±0,79	3,80	(0,096)
	Respostas comportamentais	Sim		4,11±0,56	4,17	-1,737
		Não		3,88±0,62	3,92	(0,082)
Score global EAAPSAM			Sim	183,72±24,33	189,50	-1,874
			Não	174,78±21,79	178,00	(0,061)

$\bar{X}$ – Média; s – Desvio padrão; $\bar{X}$ – Mediana; U(p) – Estatística teste Mann-Whitney (nível de significância)

Cunha e Sousa, J. F. da R., Correia, T. I. G., & Azevedo, A. F. R. (2026). Conhecimentos e atitudes dos enfermeiros face ao aleitamento materno. *Servir*, 2(15), e41907. <https://doi.org/10.48492/servir0215.41907>

De acordo com os dados apresentados na Tabela 8, observa-se que, no grupo de enfermeiros em análise, aqueles que relataram ter filhos biológicos obtiveram os melhores resultados, tanto em termos médios quanto medianos. Através da aplicação do teste não paramétrico de Mann-Whitney, foi possível concluir que as diferenças observadas são estatisticamente significativas nos Fatores “Cuidados e condições maternas” 3,67±0,64 vs. 3,14±0,71 (p<0,001) e “Propriedades da amamentação” 4,36±0,42 vs. 3,91±0,39 (p<0,001); nas Dimensões “Crenças sobre o aleitamento materno” 4,40±0,61 vs. 4,14±0,61 (p=0,023), e “Importância em relação à amamentação” 4,16±0,74 vs. 3,71±0,87 (p<0,001) e no Score global da ECEAM 3,86±0,46 vs. 3,46±0,40 (p<0,001), evidenciado diferença entre os enfermeiros com e sem filhos biológicos, tendo uma média mais elevada os que tem filhos biológicos.

4. Discussão

Após a apresentação dos resultados, procede-se à sua análise crítica e fundamentada, procurando contextualizá-los na prática de enfermagem em saúde materna e obstétrica, particularmente no que diz respeito aos conhecimentos e atitudes dos enfermeiros face ao aleitamento materno.

Características Sociodemográficas e Profissionais

A amostra deste estudo integrou 127 enfermeiros, maioritariamente mulheres (89,76%), com média etária de 44,52 anos, refletindo a feminização e envelhecimento da profissão em Portugal (OCDE, 2022). A maioria é casada ou vive em união de facto (73,23%), fator associado à menor perceção de stress (AlAzzam et al., 2017). Em termos académicos, 63,78% têm formação pós-graduada, mas apenas 1,57% detêm doutoramento, evidenciando a necessidade de reforçar a investigação em enfermagem (Maia et al., 2022).

Verificou-se que a maioria dos profissionais exerce funções em instituições hospitalares (59,84%), o que reflete a tradicional centralização dos cuidados maternos no contexto hospitalar. Este resultado está em consonância com a organização histórica dos serviços de saúde em Portugal, onde a vigilância da gravidez e, sobretudo, o parto e o acompanhamento de situações de maior complexidade clínica se concentram nas unidades hospitalares. No entanto, observa-se uma crescente valorização dos Cuidados de Saúde Primários (CSP) nas políticas de saúde materna, com reforço do papel das unidades de saúde familiar e dos cuidados de proximidade na vigilância pré-natal, educação para a saúde e acompanhamento no pós-parto, conforme preconizado pela Direção-Geral da Saúde (2023).

Esta tendência sugere uma transição progressiva para modelos de cuidados mais integrados e centrados na comunidade, que visam melhorar a acessibilidade, a continuidade assistencial e a prevenção de complicações durante a gravidez e o puerpério. Assim, embora o hospital permaneça como o principal local de prestação de cuidados especializados, os CSP assumem um papel cada vez mais estratégico na promoção da saúde materna e na articulação entre níveis de cuidados. A média de anos de exercício (20,74) confirma o envelhecimento da força de trabalho (Fernandes et al., 2016). No entanto, 51,18% nunca trabalharam com grávidas, e 71,65% nunca tiveram formação em aleitamento materno. Apenas 14,17% são certificados como conselheiros ou IBCLC. Estas lacunas indicam a necessidade de investimento em formação contínua (Maastrup et al., 2021).

Variáveis Obstétricas

Entre os enfermeiros com filhos biológicos (78,74%), 97% relataram ter amamentado. A experiência pessoal correlacionou-se com maior duração da amamentação, reforçando a literatura que aponta a vivência individual como promotora de maior empatia e confiança no apoio às mães (Chesnel et al., 2022). Os principais motivos para cessar a amamentação foram decisão pessoal (37,11%), problemas maternos (25,77%) e dificuldades do lactente (12,37%) — em linha com a evidência (Machado Schardosim & Rauber Cechim, 2013).

Conhecimentos e Atitudes: Escalas ECEAM e EAAPSAM

A Escala de Conhecimentos sobre Aleitamento Materno (ECEAM) revelou um nível geral satisfatório (média = 3,77), com melhor desempenho na dimensão “Propriedades do aleitamento” (4,27) e pior nos “Procedimentos técnicos” (3,22), indicando fragilidades práticas (Silva et al., 2025). A fiabilidade das escalas foi elevada (α = 0,766 a 0,917).



Quanto às atitudes (EAAPSAM), os enfermeiros demonstraram posturas globalmente positivas (média = 191,82), destacando-se a valorização dos benefícios da amamentação (4,69). No entanto, a dimensão “Atitudes perante a decisão de não amamentar” obteve pontuação mais baixa (3,93), sugerindo uma abordagem menos intervencionista, o que pode afetar negativamente a promoção da amamentação exclusiva (Rollins et al., 2016).

Análise Comparativa com Variáveis Sociodemográficas

A maioria dos enfermeiros (51,7%) revelou atitudes positivas, embora 42,5% mantenham atitudes negativas e 6,3% moderadas. Esta realidade reforça que, apesar do reconhecimento dos benefícios da amamentação, persistem barreiras que limitam o apoio eficaz (Marks & O’Connor, 2015).

Os resultados revelaram uma relativa homogeneidade nas pontuações das escalas ECEAM e EAAPSAM em função da idade. No entanto, os enfermeiros com menos de 40 anos apresentaram resultados ligeiramente inferiores, o que sugere que, apesar da formação recente, a falta de experiência clínica pode limitar a confiança e eficácia no aconselhamento. Em contraste, profissionais com mais de 50 anos evidenciaram atitudes mais consolidadas, refletindo o contributo da prática prolongada (Rollins et al., 2016).

Quanto ao género, embora as diferenças globais não tenham sido estatisticamente significativas, as enfermeiras destacaram-se positivamente nas dimensões “Atitudes perante a decisão de não amamentar” e “Respostas afetivas”, sugerindo maior empatia e envolvimento emocional. Também o estado civil mostrou alguma influência: profissionais casados ou em união de facto apresentaram melhores resultados nas dimensões cognitivas e comportamentais, possivelmente devido à vivência familiar e parental. No entanto, estes efeitos foram pontuais e não substituem a importância da formação contínua (Jesus et al., 2017).

O grau académico não demonstrou impacto significativo nas escalas avaliadas, sugerindo que o nível de formação formal não garante, por si só, maior competência nesta área (Gavine et al., 2017). Da mesma forma, a categoria profissional não se revelou diferenciadora, excetuando os casos de especialização em saúde materno-infantil (de Almeida et al., 2015). Por outro lado, os enfermeiros dos Cuidados de Saúde Primários apresentaram melhores resultados em todas as dimensões, o que poderá dever-se à continuidade do seguimento e maior proximidade com a díade mãe-bebé (Rollins et al., 2016).

A experiência profissional evidenciou-se apenas na perceção dos obstáculos à amamentação, sendo que o tempo de serviço em contexto materno foi mais determinante, influenciando positivamente atitudes e conhecimentos. A formação específica em aleitamento materno revelou-se o fator mais influente, com impacto significativo e consistente em todas as dimensões avaliadas. A formação certificada (CAM/IBCLC) destacou-se, proporcionando maior domínio técnico e atitudes mais seguras e empáticas (Mulcahy et al., 2022).

Por fim, a autoperceção de competência para apoiar a amamentação e a experiência pessoal com filhos mostraram-se fatores positivos, reforçando a importância da confiança profissional e vivências pessoais, ainda que estas não substituam a formação técnica formal (Ramos-Morcillo et al., 2020).

Limitações

Entre as limitações deste estudo, destaca-se o desenho transversal, que restringe a possibilidade de estabelecer relações causais. A baixa adesão dos participantes pode ter introduzido viés de seleção, comprometendo a representatividade da amostra. Observou-se também uma participação reduzida de enfermeiros do sexo masculino e com grau académico de doutoramento, o que limitou algumas análises comparativas. Além disso, a utilização de instrumentos de autorresposta expõe os resultados ao viés da desejabilidade social. A ausência de variáveis contextuais adicionais restringe a generalização dos achados a outros contextos ou populações.

Apesar dessas limitações, os resultados fornecem contribuições relevantes para a compreensão dos fatores que influenciam o conhecimento e as atitudes dos enfermeiros em relação ao aleitamento materno. Recomenda-se que

Cunha e Sousa, J. F. da R., Correia, T. I. G., & Azevedo, A. F. R. (2026). Conhecimentos e atitudes dos enfermeiros face ao aleitamento materno. *Servir*, 2(15), e41907. <https://doi.org/10.48492/servir0215.41907>

futuras investigações adotem amostras mais amplas e designs longitudinais, incluindo a avaliação do impacto das intervenções formativas na prática clínica e nos desfechos materno-infantis.

Implicações para a Prática Clínica

Os resultados deste estudo evidenciam a necessidade de reforçar a capacitação dos enfermeiros no apoio ao aleitamento materno, através de formação inicial e contínua, atualizada, prática e baseada na evidência nomeadamente com a promoção de workshops e cursos de formação específica.

A supervisão clínica e a exposição a contextos reais são cruciais, especialmente para profissionais menos experientes, garantindo o seu desenvolvimento profissional na área. Pode recorrer-se ainda à prática simulada, sendo uma estratégia relevante na capacitação previamente referida.

Devem ser desenvolvidas estratégias que promovam a participação equitativa de homens nos cuidados de saúde materno-infantil, destacando o apoio transversal de todos os profissionais de saúde.

As instituições de saúde devem liderar programas formativos estruturados, com metas claras e avaliação contínua, visando a melhoria dos cuidados.

Recomenda-se ainda o desenvolvimento de investigação sobre o impacto de fatores pessoais e profissionais na prática clínica e sobre a eficácia das estratégias formativas, contribuindo para modelos educativos mais adequados e sustentáveis na área materno-infantil.

Conclusão

A análise dos resultados deste estudo evidenciou que os enfermeiros apresentam, de forma geral, um bom nível de conhecimento e atitudes positivas em relação ao aleitamento materno, alinhando-se com achados previamente reportados na literatura. Destaca-se a influência significativa da formação específica em aleitamento materno e da experiência prática no cuidado a mulheres grávidas, que se refletem em melhores crenças, atitudes e práticas relacionadas à amamentação. Enfermeiros que participaram recentemente em ações formativas específicas obtiveram pontuações superiores, especialmente no que concerne à valorização do aleitamento materno, confiança na sua promoção e capacidade de aconselhamento eficaz às mães lactantes. Esses dados reforçam a importância da formação contínua e estruturada, fundamentada em evidências científicas, como instrumento fundamental para a melhoria da qualidade do cuidado e dos resultados em saúde materno-infantil.

Observou-se ainda que enfermeiros que são pais biológicos tendem a apresentar maior conhecimento e atitudes mais favoráveis, sugerindo que a experiência pessoal pode influenciar positivamente as perceções profissionais, embora não substitua o domínio técnico necessário para o aconselhamento clínico.

No que diz respeito ao contexto laboral, os profissionais que atuam nos Cuidados de Saúde Primários demonstraram atitudes mais favoráveis ao aleitamento materno, possivelmente decorrente do acompanhamento mais próximo e frequente das mães, num ambiente multidisciplinar que favorece o contato contínuo e o comprometimento com a promoção da amamentação.

Por outro lado, o estudo identificou lacunas nas competências técnicas relacionadas aos procedimentos práticos da amamentação, o que pode comprometer o suporte prestado às mães. Este achado evidencia a necessidade premente de integrar na formação componentes práticos que capacitem os enfermeiros para lidar com as dificuldades comuns durante o aleitamento, como problemas de pega, dor mamária e manejo da produção láctea.

Importa ainda reconhecer o papel institucional das ULS na promoção e consolidação de estratégias de formação contínua dirigidas aos enfermeiros, particularmente na área do aleitamento materno, contribuindo para práticas clínicas



baseadas na evidência, e da articulação dos cuidados de saúde primários e hospitalares garantindo a uniformização dos cuidados prestados. Assim, será possível garantir que os enfermeiros, independentemente do seu percurso profissional ou local de atuação, possuam os conhecimentos e habilidades adequados para prestar um apoio efetivo e qualificado às mães lactantes.

Por fim, recomenda-se que futuras pesquisas explorem estratégias eficazes para integrar a educação sobre aleitamento materno na formação contínua dos profissionais de enfermagem e avaliem o impacto desses programas na melhoria das taxas de aleitamento materno e na qualidade do cuidado prestado.

Conflito de Interesses

Os autores declaram não existirem conflitos de interesse

Agradecimentos e Financiamento

Agradecem-se os contributos do Instituto Politécnico de Bragança, da ULSNE e a todos os participantes no estudo.

Sem qualquer tipo de financiamento

Referências bibliográficas

- AlAzzam, M., AbuAlRub, R. F., & Nazzal, A. H. (2017). The relationship between work–family conflict and job satisfaction among hospital nurses. *Nursing Forum*, 52(4), 278–288. <https://doi.org/10.1111/nuf.12199>
- Bicalho, C. V., Martins, C. D., Friche, A. A. L., Motta, A. R. (2021). Dificuldade no aleitamento materno exclusivo no alojamento conjunto: Revisão integrativa. *Audiology – Communication Research*, 26. <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2021-2471>
- Calle, C. G., Díaz-Vásquez, C., Córdova-Calderón, W., Gómez de la Torre, J., Matos-Benavides, E., & Toribio-Dionicio, C. (2024). Clinical characteristics, laboratory findings, and tolerance acquisition in infants with cow’s milk protein allergy in a private center in Lima, Peru for the period 2021–2022. *Immunity, Inflammation and Disease*, 12(4), e1246. <https://doi.org/10.1002/iid3.1246>
- Chesnel, M. J., Healy, M., & McNeill, J. (2022). Experiences that influence how trained providers support women with breastfeeding: A systematic review of qualitative evidence. *PLOS ONE*, 17(10), e0275608. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0275608>
- Colaceci, S., Chapin, E. M., Zambri, F., Reali, L., Cedrone, L., Del Brocco, A., Masi, M., Mohamed, A., Dellafiore, F., Nichinonni, S., & Giusti, A. (2020). Verba volant, scripta manent: Breastfeeding information and health messages provided to parents in the neonatal discharge summary in the Lazio Region, Italy. *Annali dell’Istituto Superiore di Sanità*, 56(2), 142–149. https://doi.org/10.4415/ANN_20_02_03
- Cortés, M., Barranco, D., Jordana, M., & Roche, M. (2015). Uso e influência dos planos de parto e nascimento no processo de parto humanizado. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 23(3), 520–526. <https://doi.org/10.1590/0104-1169.0067.2583>
- de Almeida, J. M., Luz, S.deA., & Ued, F.daV. (2015). Apoio ao aleitamento materno pelos profissionais de saúde: revisão integrativa da literatura. *Revista paulista de pediatria: orgao oficial da Sociedade de Pediatria de São Paulo*, 33(3), 356–363. <https://doi.org/10.1016/j.rpped.2014.10.002>
- Dessi, A., Pianese, G., Mureddu, P., Fanos, V., & Bosco, A. (2024). From breastfeeding to support in mothers’ feeding choices: A key role in the prevention of postpartum depression? *Nutrients*, 16(14), 2285. <https://doi.org/10.3390/nu16142285>
- Direção-Geral da Saúde. (2015). Programa nacional para a vigilância da gravidez de baixo risco. Ministério da Saúde.
- Direção-Geral da Saúde. (2019). Estratégia nacional para a alimentação do lactente e da criança pequena. Ministério da Saúde.
- Direção-Geral da Saúde. (2023). Despacho n.º 13056/2023- Comissão para a Promoção do Aleitamento Materno. *Diário da República*, 2.ª série, N.º 243. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/despacho/13056-2023-808130290>
- Fernandes, A. M., Mendes, A. M., Leitão, M. N., Gomes, S. D., Amaral, A. F., & Bento, M. da C. (2016). The contribution of Portuguese nursing to universal health access and coverage. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 24, e2671. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.1068.2671>

Cunha e Sousa, J. F. da R., Correia, T. I. G., & Azevedo, A. F. R. (2026). Conhecimentos e atitudes dos enfermeiros face ao aleitamento materno. *Servir*, 2(15), e41907. <https://doi.org/10.48492/servir0215.41907>

- Gavine, A., MacGillivray, S., Renfrew, M. J., Siebelt, L., Haggi, H., & McFadden, A. (2017). Education and training of healthcare staff in the knowledge, attitudes and skills needed to work effectively with breastfeeding women: A systematic review. *International Breastfeeding Journal*, 12, 6. <https://doi.org/10.1186/s13006-016-0097-2>
- Gutiérrez, Z. (2023). Book review essay: Race and reproduction in Cuba. *Journal of International Women’s Studies*, 25(7), 27.
- Holtzman, O., & Usherwood, T. (2018). Australian general practitioners’ knowledge, attitudes and practices towards breastfeeding. *PLOS ONE*, 13(2), e0191854. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0191854>
- Jesus, P. C., Sena, E. M., & Nascimento, D. S. (2017). Capacitação de profissionais de saúde em aleitamento materno e sua associação com conhecimentos, habilidades e práticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(1), 311–320. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017221.15302015>
- Lopes, A. E. (2013). Conhecimentos dos enfermeiros sobre aleitamento materno (Dissertação de mestrado). Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde.
- Maastrup, R., Rom, A. L., Walloee, S., Sandfeld, H. B., & Kronborg, H. (2021). Improved exclusive breastfeeding rates in preterm infants after a neonatal nurse training program focusing on six breastfeeding-supportive clinical practices. *PLOS ONE*, 16(2), e0245273. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0245273>
- Machado Scharodosim, J., & Rauber Cechim, P. L. (2013). Exclusive breastfeeding: Motivations and disincentives for nursing mothers in Eldorado do Sul, Brazil. *Investigación y Educación en Enfermería*, 31(3), 377–384.
- Maia, A. R., Costa, M. A., & Pereira, F. (2022). Investigação em enfermagem: Desafios e oportunidades para a prática baseada na evidência. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 28, 45–52. <https://doi.org/10.19131/rpesm.2022.28.45>
- Marinho, C. (2003). Os profissionais de saúde e o aleitamento materno: Um estudo exploratório sobre as atitudes de médicos e enfermeiros (Dissertação de mestrado). Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Marks, D., & O’Connor, R. (2015). Health professionals’ attitudes towards the promotion of breastfeeding. *British Journal of Midwifery*, 23(1), 50–58. <https://doi.org/10.12968/bjom.2015.23.1.50>
- Marôco, J., & Marques, T. G. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65–90. <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/133/1/LP%204%281%29%20-%2065-90.pdf>
- Meek, J. Y., Noble, L., & Section on Breastfeeding. (2022). Policy statement: Breastfeeding and the use of human milk. *Pediatrics*, 150(1), e2022057988. <https://doi.org/10.1542/peds.2022-057988>
- Mills, E. (2024). Gender, health and embodiment. In *HIV, gender and the politics of medicine: Embodied democracy in the global south* (pp. 69–97). Bristol University Press. <https://doi.org/10.56687/9781529221961-005>
- Mulcahy, H., Philpott, L. F., O’Driscoll, M., Bradley, R., & Leahy-Warren, P. (2022). Breastfeeding skills training for health care professionals: A systematic review. *Heliyon*, 8(11), e11747. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2022.e11747>
- Nelas, P., Coutinho, E., Chaves, C., Amaral, O., & Cruz, C. (2017). Dificuldades na amamentação no primeiro mês de vida: Impacto dos contextos de vida. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 3(1), 183–192. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2017.n1.v3.987>
- OECD – Organisation for Economic Co-operation and Development. (2022). Health at a glance 2022: OECD indicators. OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/ae3016b9-en>
- Oliveira, E., Marano, D., Amaral, Y. N. V., Abranches, A., Soares, F. V. M., & Moreira, M. E. L. (2020). O excesso de peso modifica a composição nutricional do leite materno? Uma revisão sistemática. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 3969–3980. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.29902018>
- Paixão, G. P. N., Clementino, A. L. A., Araújo, A. S., Bispo, E. M. P., Santos, M. C., & Martins, M. R. L. (2020). Fatores associados ao desmame precoce: O que as evidências científicas mostram? *Revista Ciência e Desenvolvimento*, 13(2), 358–380. <https://doi.org/10.11602/1984-4271.2020.13.2.6>
- Ramos-Morcillo, A. J., Harillo-Acevedo, D., & Ruzafa-Martínez, M. (2020). Using the Knowledge-to-Action framework to understand experiences of breastfeeding guideline implementation: A qualitative study. *Journal of Nursing Management*, 28(7), 1670–1685. <https://doi.org/10.1111/jonm.13123>
- Rollins, N. C., Bhandari, N., Hajeerbhoy, N., Horton, S., Lutter, C. K., Martinez, J. C., Piwoz, E. G., Richter, L. M., & Victora, C. G. (2016). Why invest, and what it will take to improve breastfeeding practices? *The Lancet*, 387(10017), 491–504. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(15\)01044-2](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(15)01044-2)



- Salmon, C. (2024). Mother's milk is best of all. In *Fashion and motherhood: Image, material, identity* (p. 145).
- Sansone, A., Stapleton, P., & Patching, A. (2024). A qualitative investigation of a prenatal mindfulness relationship-based (PMRB) program to support maternal mental health and mother–baby relationship during pregnancy and post-partum. *Mindfulness*, 15, 1759–1777. <https://doi.org/10.1007/s12671-024-02399-2>
- Souza, M., Nespoli, A., & Zeitoune, R. (2016). Influência da rede social no processo de amamentação: Um estudo fenomenológico. *Escola Anna Nery*, 20(4). <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160107>
- Tichelman, E., Peters, L., Oost, J., Westerhout, A., Schellevis, F. G., Burger, H., Noordman, J., Berger, M. Y., & Martin, L. (2019). Addressing transition to motherhood: Guideline adherence by midwives in prenatal booking visits. *Midwifery*, 69, 76–83. <https://doi.org/10.1016/j.midw.2018.10.021>
- UNICEF, I. C. S. E. F. Infant and young child feeding. Exclusive breastfeeding (< 6 months). 2020. Disponível em: <https://data.unicef.org/topic/nutrition/infant-and-young-child-feeding/> Acedido em 23 de novembro de 2023.
- World Health Organization, & United Nations Children's Fund. (2018). *Implementation guidance: Protecting, promoting and supporting breastfeeding in facilities providing maternity and newborn services – The revised Baby-friendly Hospital Initiative*. World Health Organization.
- World Health Organization. (2023). *Infant and young child feeding: Counseling guide for health workers*. World Health Organization. <https://www.who.int/publications/i/item/9789240071325>
- Yang, S. F., Salamonson, Y., Burns, E., & Schmied, V. (2018). Breastfeeding knowledge and attitudes of health professional students: A systematic review. *International Breastfeeding Journal*, 13, 8. <https://doi.org/10.1186/s13006-018-0153-1>